

O Menino Jesus

© 2021 — Conhecimento Editorial Ltda

O Menino Jesus
Excerto da obra
O Sublime Peregrino
Ramatis / Hercílio Maes

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone: 19 3451-0143
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Organização: Mariléa de Castro
Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da Capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-084-4
1ª edição - 2021

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Ramatis (Espírito)

O Menino Jesus / obra mediúcnica ditada pelo espírito Ramatis ao médium Hercílio Maes — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2021.

142 p.

Coletânea de textos retirados da obra: *O Sublime Peregrino*

ISBN 978-65-5727-084-4

1. Espiritismo 2. Jesus Cristo - Interpretações 3. Jesus Cristo - Vida pública 4. Jesus Cristo - Infância 5. Jesus Cristo - Vida espiritual I. Título II. Maes, Hercílio, 1913-1993.

21-0506

CDD 133.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.93

Ramatís

O MENINO JESUS

Obra mediúnica ditada pelo espírito
Ramatís ao médium
Hercílio Maes,

Coletânea de textos retirados da obra:
O Sublime Peregrino

1ª edição — 2021



Obras de Ramatis editadas pela **EDITORA DO CONHECIMENTO**

HERCÍLIO MAES

- A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores – 1955
- Mensagens do Astral – 1956
- A Vida Além da Sepultura – 1957
- A Sobrevivência do Espírito – 1958
- Fisiologia da Alma – 1959
- Mediunismo – 1960
- Mediunidade de Cura – 1963
- O Sublime Peregrino – 1964
- Elucidações do Além – 1964
- Semeando e Colhendo – 1965
- A Missão do Espiritismo – 1967
- Magia de Redenção – 1967
- A Vida Humana e o Espírito Imortal – 1970
- O Evangelho à Luz do Cosmo – 1974
- Sob a Luz do Espiritismo (Obra póstuma) – 1999

SÁVIO MENDONÇA

- O Vale dos Espíritos – 2015
- Missão Planetária – 2016
- A Derradeira Chamada – 2017
- O Sentido da Vida – 2019
- Amor: Encontros, desencontros e Reencontros – 2020

MARIA MARGARIDA LIGUORI

- Jornada de Luz
- O Homem e o Planeta Terra
- O Despertar da Consciência
- Em Busca da Luz Interior

OBRAS COLETÂNEAS:

- Ramatis uma Proposta de Luz
- Face a Face com Ramatis
- Um Jesus que Nunca Existiu
- Simplesmente Hercílio
- A Missão do Esperanto
- A Origem Oculta das Doenças
- O Objetivo Cósmico da Umbanda
- Do Átomo ao Arcanjo
- O Apocalipse
- Marte: O futuro da Terra
- O Além – Um guia de viagem
- Geografia do Mundo Astral
- O Homem Astral e Mental
- O Carma
- O Menino Jesus

Coletâneas de textos organizadas por **SIDNEI CARVALHO:**

- A Ascensão do Espírito de A a Z – Aprendendo com Ramatis
- Ciência Oculta de A a Z – O véu de Ísis
- Evangelho de A a Z – A caminho da angelitude
- Jesus de Nazaré – O avatar do amor
- Mecanismos Cósmicos de A a Z – O amor do Pai
- Mediunidade de A a Z – O portal da Luz
- Saúde e Alimentação de A a Z – O amor pelos animais
- Transição Planetária de A a Z – A chegada da Luz
- Universalismo de A a Z – Um só rebanho

Obs: A data após o título se refere à primeira edição.

O menino Jesus era um ser angélico, uma flor radiosa dos céus a vicejar na água poluída do mundo humano, sofrendo a opressão da carne que lhe servia de instrumento imprescindível para cumprir sua missão heroica, em favor do próprio homem que o hostilizava. As trevas vigiavam-no incessantemente para desfechar o ataque perigoso à sua delicadíssima rede neurocerebral, a fim de lesá-lo no contato sadio com a matéria, e isto só era impedido graças aos seus fiéis amigos desencarnados. Jamais alguém, no Espaço ou na Terra, poderia ofender ou lesar a textura espiritual de Jesus, tal a sua integridade sideral, mas não seria impossível atingir o seu equipo carnal.

O Sublime Peregrino

Sumário

Apresentação	9
Preâmbulo de Ramatís	11
Maria e sua missão na Terra	14
Maria e o período gestativo de Jesus	23
Maria e o nascimento de Jesus	29
Maria e os aspectos do seu lar	49
Jesus e sua infância	54
Considerações sobre Jesus e a família humana	79
Jesus e seus aspectos humanos	84
A influência benéfica do povo galileu na obra de Jesus	98
Por que Jesus teria de nascer na Judeia?	104
Aspectos da Judéia, Galileia e Nazaré no tempo de Jesus	116
José, o carpinteiro, e seu filho Jesus	128

Apresentação

Este livro traz capítulos da obra de Ramatis *O Sublime Peregrino*, ditada ao médium Hercílio Maes, que falam do nascimento e da infância de Jesus, do seu ambiente em Nazaré e na Judeia, dos fatos que antecederam sua chegada, seu lar e sua família carnal.

Antes daquela obra, nenhum ditado mediúnico – e muito menos textos de elaboração pessoal – jamais tinha logrado revelar com precisão os fatos relativos ao nascimento do Mestre, como o local exato da ocorrência na casa dos tios de Maria, o hipotético recenseamento, o cenário da noite do Natal, com toda sua magia e doçura. E tampouco a razão da escolha de Maria para ser sua mãe, e como decorreu a gestação de Jesus. Muito menos como decorreu a infância do Menino Luz, suas brincadeiras, seu temperamento, como era o lar de Maria e José. E as particularidades do entorno de Nazaré e da Palestina àquela época. Quem poderia reproduzir, como nessa obra, um diálogo autêntico havido entre Jesus e José?

Somente quem, como Ramatis, conheceu de perto o Mestre e sua família e amigos, seu entorno e sua verdadeira natureza^[1] – e poderia também, como um Mestre de Sabedoria que é, consultar nos registros akáshicos – a memória da natureza – do plano invisível os “filmes” indelévels que guardaram as imagens do menino Jesus, de sua angélica doçura, alegria, travessuras e imanente sabedoria de anjo exilado na matéria.

Antes de tornar-se o Rabi inigualável que construiu nas lições de seu evangelho o roteiro para a emancipação espiritual das criaturas, ele encarnou a figura do mais encantador

[1] Ramatis foi, à época de Jesus, o filósofo Philon de Alexandria, e viajou à Palestina encontrar-se com o Divino Mestre, conhecendo de perto o cenário de sua vida e os que dela participavam.

menino que jamais pisou o solo do planeta, o pequeno anjo impresentido que iluminou a vida simples do povo de Nazaré sem que suspeitassem de sua natureza sideral. Essa é a imagem do anjo-menino que faltava ser revelada aos amantes de sua mensagem, e que apenas Ramatís chegou a desvendar-nos, em toda sua ternura e encanto. Um presente para a sensibilidade de todos nós – o Menino Jesus, retratado de corpo inteiro como jamais o tinha sido.

Mariléa de Castro

Preâmbulo de Ramatís

Meus irmãos.

Esta obra prende-se a algumas lembranças do contato que tivemos com Jesus de Nazaré, na Palestina, e de indagações que fizemos a alguns dos seus próprios discípulos naquela época, e a outros, aqui no Espaço. Alguns quadros ou configurações de sua infância, adolescência e maturidade, pudemos revivê-los recorrendo aos arquivos ou “registros etéricos”, fruto das vibrações das ondas de luz, no éter ou akasha dos orientais, que fotografa desde o vibrar de um átomo até a composição de uma galáxia.^[1]

Em vez de tecermos uma biografia romanceada, em que a nossa imaginação ou do médium suprisse os elos faltantes ou obscuros, esforçamo-nos para deixar-vos uma ideia mais nítida e certa da realidade do Espírito angélico de Jesus, que jamais discrepou da vida física, pois viveu sem exorbitar dos costumes e das necessidades humanas. Atendendo à sugestão dos nossos Maiorais da Espiritualidade, procuramos esclarecer os leitores sobre diversos conhecimentos da vida oculta e prepará-los para as revelações futuras, com referência à contextura do seu espírito imortal. Eis os motivos das “divagações”, que costumamos tecer propositadamente fora dos temas fundamentais de nossas obras, as quais então proporcionam aos nossos leitores o ensejo de uma doutrinação suave, indireta e despercebida, que os auxilia a ajustar os

[1] “Conforme não mais ignoram os estudiosos e pensadores do Espiritismo, as poderosas sensibilidades etéricas, as ondas luminosas disseminadas pelo Universo, o fluido universal, enfim, sede da Criação, veículo da Vida, possui a prodigiosa capacidade de fotografar e arquivar em suas indescritíveis essências os acontecimentos desenrolados sob a luz do Sol, na Terra, ou pela vastidão do Infinito”. Trecho extraído da p. 56, da obra *Dramas da Obsessão*, de Yvonne A. Pereira, editada pela Federação Espírita Brasileira.

fragmentos de suas próprias aquisições espirituais. O que lhes seria mais árido numa busca isolada sobre o espírito, fica-lhes mais atraente e fácil, quando disseminado em torno de um assunto vertebral na leitura espiritualista.

Há séculos que os homens desperdiçam seu precioso tempo na indagação de minúcias dos acontecimentos ocorridos em torno do Mestre Jesus. No entanto, descuram-se de considerar e praticar os seus admiráveis ensinamentos de redenção moral e espiritual. Quanto ao seu nascimento, certos estudiosos, baseados na história profana, o julgam nascido em Nazaré; e outros, conforme a tradição evangélica da Igreja Católica,^[2] o crêem oriundo de Belém. E alguns chegam a atribuir o nascimento do Mestre Galileu, em Belém, à necessidade de se justificar a lenda criada para situá-lo na manjedoura e assim cumprirem-se integralmente as profecias do Velho Testamento.^[3]

A tradição mitológica costuma sempre descrever o nascimento dos grandes iniciados ou avatares destinados a desempenhar relevantes missões sociais ou espirituais, como provindos de virgens e sob misterioso esponsalício estranho à ordem natural do sexo e da gestação. Krishna, Lao-Tse, Zoroastro, Buda, Salivahana e outros instrutores espirituais nasceram de virgens e através de fenômenos ou processos extraterrenos. Jesus, portanto, devido à sua elevada hierarquia sideral, também não escaparia de vir à luz do mundo sem alterar a virgindade de Maria e ser concebido “por obra e graça do Espírito Santo”!

Ainda existem outras preocupações quanto a certos acontecimentos, tais como se José e Maria realmente se movimentaram para atender ao recenseamento ordenado pelos romanos. Se isso aconteceu, só poderia ter ocorrido no reinado de Quirinus, após a queda de Arquelau. Mas se Jesus nasceu sob o poder de Herodes, conforme asseguram os dois evangelhos,^[4] então a viagem de José e Maria rumo a Jerusalém não se realizou, porquanto no regime de Herodes não

[2] Nota do Revisor: Segundo o Evangelho de João, cap. 1, vers. 45-6, o apóstolo refere-se a Jesus de Nazaré, filho de José. Do fato de haver-se criado em Nazaré, é que resultou o cognome Jesus de Nazaré, embora tenha realmente nascido em Belém.

[3] Mateus, 2:23. Lucas, 2:4-7. Isaías, 9:6,7.

[4] Mateus, 2:1. Lucas 1:5.

houve qualquer recenseamento.

No entanto, estas discussões sobre as características ou minúcias dos acontecimentos ocorridos quanto ao nascimento de Jesus constituem perda de tempo, pois o aspecto mais importante é a sua vida de abnegação e sacrifício ilimitados, no sentido de “salvar” a humanidade. Belém ou Nazaré, o lar ou a manjedoura, corpo físico ou fluídico, milagres ou trivialidades são circunstâncias incapazes de influir sobre o conteúdo do seu Evangelho, o mais avançado código de leis de aperfeiçoamento espiritual. Jesus sempre viveu em si mesmo os ensinamentos e conceitos salvadores ensinados ao homem terreno; obviamente, é muito mais valiosa e importante a sua doutrina e não os aspectos humanos do ambiente onde ele nasceu e viveu. A consumação do seu holocausto na cruz foi o coroamento messiânico e a confirmação inconfundível de toda sua doutrina recomendada à humanidade e sem derrogar as leis do mundo material, pois os seus próprios “milagres” nada tinham de sobrenaturais, mas podiam ser facilmente explicáveis pelas leis da física transcendental com relação aos fenômenos mediúnicos hoje conhecidos.

Malgrado o terrícola ainda não possuir sensibilidade moral apurada, em condições de avaliar o imenso sacrifício e abnegação despendidos por Jesus para descer aos charcos do vosso mundo, são bem menores as lutas, angústias e os tormentos do pecador, no sentido de purificar-se até subir às esferas da angelitude, ante o martírio do anjo que renuncia às venturas celestiais dos mundos divinos, para descer ao abismo pantanoso dos mundos materiais, como sucedeu a Jesus.

É bem mais fácil e cômodo despojarmo-nos dos trajes enlameados e tomarmos um banho refrescante, do que vestirmos roupas pesadas e descermos a um fosso de lodo repulso e infeccionado, onde se debatem criaturas necessitadas de nosso auxílio.

Paz e Amor.

Ramatís

Maria e sua missão na Terra

PERGUNTA: — Por que motivos os Mestres Siderais escolheram o espírito de Maria para ser mãe de Jesus?

RAMATÍS: — O Alto escolheu Maria para essa missão porque se tratava de um espírito de absoluta humildade, terno e resignado, que não iria interferir na missão de Jesus. Ela seria a mãe ideal para ele, amorosa e paciente, sem as exigências despóticas dos caprichos pessoais; deixando-o enfim, manifestar seus pensamentos em toda sua espontaneidade original. Aliás, ainda no Espaço, antes de Maria baixar à Terra, fora combinado que as inspirações e orientações na infância de Jesus seriam exercitadas diretamente do mundo invisível pelos seus próprios Anjos Tutelares.

Embora Jesus fosse um espírito sideralmente emancipado e impermeável a qualquer sugestão alheia capaz de desviá-lo do seu compromisso messiânico, é evidente que ele poderia ser afetado, em sua infância, por uma influência materna demasiadamente viril, dominadora, egocêntrica, com sérios prejuízos para sua obra.

Muitos escritores, cientistas, líderes religiosos, poetas, pintores, músicos ou filósofos célebres tiveram sua vida bastante influenciada pelo domínio tirânico dos seus genitores, prejudicando de certo modo as qualidades extraordinárias de seus filhos.

Jesus teria de desempenhar um trabalho de sentido específico e de interesse comum a toda humanidade; seu tempo precioso não poderia ser desperdiçado no cultivo de qualidades artísticas, científicas ou em abstrações filosóficas do mundo profano. A sua obra seria prejudicada, caso seus pais tentassem impor-lhe rumos profissionais que alterassem os ob-

jetivos fundamentais da sua missão. Jesus precisaria crescer completamente livre e desenvolver suas forças espirituais de modo espontâneo, a fim de estruturar o seu ideal messiânico sem quaisquer deformações, desvios ou caprichos do mundo.

Jesus era um espírito de graduação angélica, distinto de todos os seus contemporâneos; e sua autoridade espiritual dava-lhe o direito de contrapor-se à própria família, desde que ela teimasse em afastá-lo do seu empreendimento messiânico. Eis, portanto, o motivo por que o Alto preferiu o espírito dócil e passivo de Maria para a missão sublime de ser mãe do Messias, protegê-lo em sua infância e não turbar-lhe a missão de amplitude coletiva.

PERGUNTA: — Como entenderíamos melhor essa condição passiva de Maria em não intervir na formação psicológica de Jesus durante sua infância, sendo ela sua genitora?

RAMATÍS: — Maria era toda coração e pouco intelecto; um ser amável, cujo sentimento se desenvolvera até à plenitude angélica. No entanto, ainda precisaria aprimorar a mente em encarnações futuras para completar o binômio “Razão-sentimento”, que liberta definitivamente a alma do ciclo das encarnações humanas. Ademais, além de participar do programa messiânico de Jesus, ela também resolvera acolher sob o seu amor maternal algumas almas a que se ligara no passado, a fim de ajudá-las a melhorarem o seu padrão espiritual. Embora muito jovem e recém-casada, não se negou a criar os filhos do primeiro casamento de José, viúvo de Débora, e que trouxera para o novo lar cinco filhos menores: Matias, Cleofas, Eleazar, Jacó e Judas, estes dois últimos falecidos bem cedo. À exceção de Jesus, que era um missionário eleito, os demais filhos de José e Maria eram espíritos comprometidos por mútuas responsabilidades cármicas do passado, cuja existência em comum serviu para amenizar-lhes as obrigações espirituais recíprocas.

Maria era um espírito amoroso, terno e paciente, completamente liberta do personalismo tão próprio das almas primárias e sem se escravizar à ancestralidade da carne. Possuía virtudes excelsas oriundas do seu elevado grau espiritual. Cumpria seus deveres domésticos e se devotava heroicamente à criação da prole numerosa, tão despreocupada de sua

própria ventura como o bom aluno que aceita as lições de alfabetização, mas não se escraviza à materialidade da escola. Oferecia de si toda a ternura, paciência, resignação e humildade, sem quaisquer exigências pessoais.

Na época de Jesus, as escolas se multiplicavam em Jerusalém e mesmo pelas cidades adjacentes, pois ensinava-se em casa, nas ruas e nas sinagogas. No entanto, o ensino se particularizava por uma imposição religiosa, pois tanto as crianças como os adultos assim que aprendiam a ler devotavam-se a interpretar tudo o que se reportava à religião judaica. Eram estudos do culto, das concepções religiosas quanto às profecias e aos salmos, que transformavam cada alfabetizado em um novo cooperador intelectual e pessoal para o Templo. Sem dúvida, existiam estabelecimentos superiores, tais como as escolas rabínicas, na maioria filiadas à Escola de Hilel e preferida pelos fariseus, que ensinavam botânica, medicina, agricultura, higiene, direito, arquitetura etc. Mas as mulheres, afora o conhecimento primário para um entendimento razoável, eram destituídas de cultura geral. Maria, no entanto, era muitíssimo considerada em Nazaré, por ser exímia em bordados, costuras, tecelagem de tapetes de lã e cordas, ofício que aprendera durante a sua estada entre as virgens de Sião, no Templo de Jerusalém. Ela aproveitava todos os instantes disponíveis para contribuir com suas prendas e confecções no orçamento da família, que era precário em face do trabalho modesto de José, na oficina de carpintaria.

Embora mulher meiga e amorosa, anjo exilado na Terra, em face de sua modesta cultura e falta de conhecimentos profundos da psicologia humana, Maria vivia o imediatismo das reações emotivas e sem as complexidades do intelecto. Mas era tão dadivosa ao próximo como a fonte de água pura renovava-se à medida que a esgotam; como a rosa que doa incondicionalmente o seu perfume, ela jamais se preocupava em saber qual o mecanismo que transforma o adubo do solo em fragrância tão odorante.

PERGUNTA: — Quereis dizer que devido ao seu temperamento meigo e generoso, Maria pôde viver longe dos conflitos tão comuns entre a vizinhança, mantendo-se imune aos problemas sentimentais da família? Não é assim?

RAMATÍS: — Se o amor doado por uma só criatura fosse suficiente para eliminar as manifestações agressivas e desagradáveis do mundo tão primário como é a Terra, é evidente que Jesus não seria crucificado, mas entusiasticamente consagrado pelos seus contemporâneos. Assim também acontecia com Maria, pois embora o seu amor intenso, incondicional e puro pudesse abrigar toda a família, os amigos, a vizinhança e até os estranhos, nem por isso pôde livrar-se de certa inveja, intriga, mesquinharía e ciúme de algumas almas de quilate inferior, que também viviam naquele mundículo de Nazaré.

É certo que nas imediações do seu lar vivia o povo nazareno, tradicionalmente hospitaleiro, religioso e serviçal; mas esse ouro da alma ainda se achava impregnado da ganga inferior das paixões e dos interesses mesquinhos do mundo. A cupidez, inveja, falsidade e avareza e as murmurações malévolas às vezes também estendiam seus tentáculos, procurando turbar a paz do lar tranquilo de Maria e José. Isso os obrigava a estoicas renúncias e abdicação do amor próprio, amenizando os mexericos da vizinhança, inquieta e rixenta. Só a ternura, a humildade, o amor e a paciência de Maria puderam transformar a intriga e o falatório tempestuoso de alguns, na brisa inofensiva da cordialidade. O seu sorriso angélico desfazia o ressentimento mais duro e abrandava o coração mais tirânico. Ela contornava com tal doçura os enredos de inveja e de ciúmes a lhe rondarem o aconchego do lar amigo, que conseguia desarmar os intrigantes mais capciosos e renitentes.

A Galileia não era um mundo de criaturas santificadas só porque ali vivia Jesus, o Messias, pois não é o tipo de raça, a latitude geográfica ou a tradição histórica de um povo o que imprime na alma humana o selo da espiritualidade. Isso é obra da transformação, do apuro de sentimentos e da maturidade espiritual, efetuados no seio da alma, e não de acordo com a mudança do ambiente. A alma vil e inferior tanto é própria do povo chinês, polaco ou judeu, como do egípcio ou hindu. E o povo judeu, na época, a par de suas virtudes tradicionais e fé religiosa, era cúvido, fanático, avaro e rixento. Às vezes, o animal ou a ave inocente pagava com a vida o fim da discussão violenta que os seus donos empreendiam por “cima

da cerca". Doutra feita, a rixa entre as crianças assumia tal dramaticidade, que mobilizava os pais para a troca de imprecações e insultos na defesa das tradições e dos preconceitos da família. E à semelhança do que ainda hoje acontece nos cortiços, às vezes, motivos sem importância terminavam em violento pugilato.

Felizmente, José, embora homem severo e intransigente, sabia amainar essas tempestades emotivas, aliando-se à meiguice de Maria para sobrepassar acima dos mexericos perigosos. Malgrado tratar-se de uma família numerosa, aquele lar pobre, mas honesto, sustentou o clima psíquico adequado à eclosão das forças espirituais do Menino-Luz. Isto evitou desperdício de tempo e qualquer desvio na marcha messiânica do Mestre Amado.

Enquanto José se assemelhava ao carvalho vigoroso, sob cuja sombra protetora Jesus pôde crescer tranquilo, Maria era como o sândalo a perfumar o machado da maledicência, intriga e mesquinha humana, que às vezes tentava ferir-lhe o lar.

PERGUNTA: — Naturalmente, a passividade materna de Maria não só ajudou Jesus a crescer emancipado pelas suas próprias ideias, como também a desvencilhar-se mais cedo dos laços afetivos e sentimentalismos da parentela do mundo. Não é assim?

RAMATÍS: — Realmente, havia sido combinado no Espaço, entre os participantes mais íntimos da missão de Jesus, que ele teria de despertar suas próprias forças espirituais e sentimentos angélicos na carne, livre de quaisquer influências educativas alheias. Todavia, ser-lhe-ia proporcionado um ambiente familiar pacífico, compreensivo e seguro, para não lhe perturbar a infância. Em face da textura espiritual superior de Jesus, os apóstolos e cooperadores de sua obra messiânica ainda eram incapacitados para traçar-lhe diretrizes melhores das que ele já planejava no imo de sua alma. Por isso, dispensou qualquer método disciplinador ou guia humano, que devesse orientá-lo no mundo durante os 33 anos de sua vida física. Os seus Anjos Tutelares sempre o desviaram de quaisquer empreendimentos ou gloriolas profanas, embora dignas e meritórias, mas capazes de algemá-lo às preocupações escravizantes da vida humana.

PERGUNTA: — Embora considerando-se a modéstia intelectual de Maria e o senso prático de José, não lhes teria sido possível perceberem a diferença da natureza espiritual incomum de Jesus sobre os demais filhos? E isso não os faria se considerarem mais venturosos?

RAMATÍS: — Nem sempre os rasgos de genialidade e os arroubos extraordinários dos filhos incomuns são motivos de ventura para os pais. Às vezes confundem arrebatamentos de sabedoria com excentricidades inexplicáveis. O certo é que Jesus, embora fosse um menino dócil, respeitoso e algo tímido, era um Espírito de estirpe sideral muito acima do mais alto índice de inteligência e capacidade do homem terreno. Por isso, mesmo no período de sua infância, ele não se submetia aos padrões e preconceitos comuns da época, porque suas reações mentais e emotivas ultrapassavam as convenções comuns e o provincianismo do povo judeu. Ele não só causava espanto, mas até constrangimento entre os próprios companheiros de folguedos e as pessoas adultas, pois expunha ideias e conceitos bem mais avançados que o comum em seu tempo.

Em sua maneira pessoal de interpretar ou julgar as coisas de sua terra e de seu povo, o menino Jesus tinha respostas agudas e inteligentes, porém honesto no seu falar e jamais contemporizando com a malícia, capciosidade, hipocrisia ou perversidade. Não era ofensivo, nem petulante; respondia a todos com singeleza, respeito e até com timidez; mas ninguém conseguia modificar-lhe o modo franco e sincero de dizer as coisas, pois era inimigo de evasivas, rodeios ou acomodações interesseiras. Obediente ao seu inconfundível espírito de justiça, ele até seria contra a família e em favor do adversário, caso este tivesse razão. Afeiçoava-se facilmente a todos os seres e criaturas e os servia com o mesmo espírito de fraternidade e amor, pouco lhe importando a situação social ou humana. No entanto, suas atitudes francas e corajosas punham em choque até o espírito compreensivo de seus pais e semeavam indecisões entre os rabinos da Sinagoga. Muitas vezes, os adultos ficavam confusos ante a solução inesperada, de um nível de justiça acima do entendimento comum, que o menino Jesus expunha em suas dissertações vivas e eloquentes.

Semelhante situação confundia os seus familiares mais íntimos, ainda imaturos e incapazes de entenderem a fala do anjo e do sábio sideral, que não se disfarça sob as sutilezas capciosas e próprias dos homens empenhados na luta pelos interesses humanos. O menino Jesus, genial e franco, jamais podia enquadrar-se no esquema prosaico da criança comum, cujas emoções e pensamentos são um reflexo dos costumes e preconceitos da sua época. Evidentemente, Maria e José não podiam entrever naquele filho singular o fulgor e a têmpera do Messias, quando ele causava críticas e despertava censuras alheias pelos seus modos excêntricos ou estranhos. Ambos ainda não estavam capacitados para compreenderem uma conceituação moral tão pura e tão impessoal do ser humano, contrária às tradições seculares da vida do povo judeu.

PERGUNTA: — Maria jamais acreditou na missão de seu filho Jesus, ou chegou a pressenti-la próximo de sua morte?

RAMATÍS: — Graças à sua natureza mediúnica, Maria recebeu inúmeros avisos e advertências do seu guia espiritual, o qual insistia em informá-la da estirpe angélica de seu filho. Mas em face de suas obrigações cotidianas junto à família numerosa, ela esqueceu, pouco a pouco, as mensagens mediúnicas que lhe foram transmitidas nas vésperas de casar e antes de nascer Jesus. Mais tarde, em alguns raros momentos, sentia-se dominada por essa reminiscência, quando uma voz oculta lhe parecia confabular quanto à natureza incomum de seu filho.

Quando Jesus deixou a família, decidindo-se pelas suas peregrinações através das estradas da Judéia e de outros lugares próximos, Maria esqueceu os últimos resquícios de lembranças que ainda pudessem avivar-lhe a crença de ele ser um missionário. Após a morte de José, quando Jesus havia completado vinte e três anos, agravou-se o orçamento do lar e ela viu-se obrigada a mobilizar todos os esforços para superintender os gastos da família. Felizmente, meses depois, soube que Jesus chefiava um grupo de discípulos constituído por pescadores, camponeses, homens do povo e algumas mulheres devotas que o seguiam incendidas por um entusiasmo religioso contagiante. Maria não se surpreendeu com tais notícias e sentiu-se tranquila por ver seu filho devotado à tarefa